



EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE DE GÊNERO: A MULHER NO CANTO POÉTICO DE CORA CORALINA

Rúbia Garcia De Paula¹ (UEG)
Marlene Barbosa de Freitas Reis² (UEG)

GT6: DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL

RESUMO

Esta pesquisa, ainda em desenvolvimento para o trabalho final da Especialização Lato Sensu em Docência Universitária, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas, traz à baila a lírica da escritora Cora Coralina, no livro *Vintém de cobre – Meias confissões de Aninha*. Examina-se as possibilidades de o docente utilizar a obra citada como ferramenta de análise e discussão de gênero no que tange ao papel da mulher na sociedade. Nesse sentido, perpassa o viés da alteridade, à medida que as várias mulheres vão sendo trazidas dos locus sociais por ela ocupados, versejadas no canto de Cora. A partir daí, trajando a pele de outrem, pululam motes suficientes para se (re)pensar uma educação que transcenda os espaços histórico-culturais impingidos às mulheres, concedendo, por sua vez, um caráter interdisciplinar à Literatura, nas trocas de saberes dentro dos espaços formais de educação. Destarte, identifica-se um tom denunciativo em *Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha*, quanto à situação social, cultural e econômica das mulheres por ela tratadas, e é por esse foco que a pesquisa se desenrola, reafirmando a possibilidade de expandir, pela alteridade na arte literária, o conhecimento humano libertador das amarras segregacionistas e discriminatórias dos gêneros, pontuando sempre a favor da educação para a inclusão. A pesquisa é de cunho qualitativo, eminentemente bibliográfico, e a base teórica alicerça-se em: Reis e Lopes (2016); Reis, Santos e Oliveira (2017); Reis e Albino (2018); Costa e Diez (2012); Britto (2006), (2007), (2008); Tahan (2012); Louro (2008); Grossi (2012); Bortolini (2011); Collot (2015) e Coralina (2013).

Palavras-chave: Educação. Diversidade. Literatura. Cora Coralina. Mulher.

¹Discente de Letras e de pós-graduação *lato sensu* em Docência Universitária na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas. Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GEPELLP – CNPq. rubia.rgp@gmail.com

²Orientadora: Pedagoga pela UFG. Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela UFRJ. Docente permanente no Programa Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologia – PPG-IELT e no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas. marlenebfreis@hotmail.com



INTRODUÇÃO

No que concerne às questões de gênero, a própria CF/88, art. 5º, I, institui o princípio da igualdade entre homens e mulheres. Isso reforça a tese de que, caso o princípio constitucional seja, de alguma forma, vilipendiado, pertinentes são ações afirmativas, porque, além de promover a justiça, são fundamentadas na Lei Suprema.

Não obstante a prescrição legal, exemplos do descumprimento desse princípio, no que tange ao tratamento discriminatório dado à mulher, há tempos maculam o âmago das relações humanas: o feminicídio, o sexismo, a violência sexual, física, moral, psicológica, os preconceitos e discriminações ao adentrar lugares de poder historicamente ocupados por homens, tais como cargos políticos, de chefia, de presidência.

Assim, este trabalho, ainda em desenvolvimento, se constitui traçando uma ponte entre o caráter denunciativo da literatura, especificamente no livro “Vintém de Cobre – Meias confissões de Aninha”, de Cora Coralina (2013), numa função social de ler e escrever o mundo (COLLOT, 2015), e a educação em diversidade de gênero: mulher.

Divide-se em três partes: “*Meu Vintém – Educação em diversidade de gênero: mulher*”; “*Meias Confissões de Aninha – a lírica, o eu-lírico e a alteridade*”; “*A mulher no canto lírico de Cora Coralina*”. Assim, no canto lírico coralineano, compulsar-se-á o “canto do mundo” (COLLOT, 2015), pelo qual, através da alteridade, ecoa a situação das várias mulheres citadas na obra. Quem são (ess)as mulheres?

Para identificá-las, desenvolve-se uma pesquisa eminentemente bibliográfica, e a base teórica alicerça-se em Reis e Lopes (2016), Reis, Santos e Oliveira (2017), Reis e Albino (2018), Costa e Diez (2012) para falar de educação em diversidade; Britto (2006), (2007), (2008) e Tahan (2012) para o estudo de Cora Coralina; Louro (2008), Grossi (2012) e Bortolini (2011) no estudo de gênero; Collot (2015) para a teoria literária. Todos a se entrelaçar numa gama teórica pontuada pelo eu-lírico de Coralina (2013).

MEU VINTÉM – EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE DE GÊNERO: MULHER



Segundo Reis e Lopes (2016, p. 151): “A educação é o instrumento mais eficaz de formação individual e coletiva, e pode possibilitar que as pessoas consigam compreender melhor a si mesmas e aos contextos em que vivem.”. No que tange à formação dos professores:

As políticas públicas voltadas para a formação do professor são essenciais e precisam incluir, na prática, ensinamentos que contemplem o respeito às diferenças que existem em sala de aula. O professor precisa receber também uma educação que seja inclusiva e centrada na diversidade. (REIS, SANTOS e OLIVEIRA, 2017, p. 46)

Assim, embora o ambiente educacional traga em si um conceito coletivo, carrega no bojo nuances plurais que identificam os seres nas particularidades de cada composição, ou seja, nas mais infinitas relações sócio-culturais que os diversificam e, ao mesmo tempo, os definem. Um movimento constante de afirmação e negação do “eu” e do “outro” (COSTA e DIEZ, 2012) em inter-relações. Nesse sentido, perpassa-se a alteridade, tanto dos educandos, quanto do educador.

Quanto ao gênero, ensina Louro (2008, p. 18), que “ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura”, portanto, não depende do sexo, masculino ou feminino, identificado no “momento do nascimento”. Assim, há na sociedade uma gama de normas e preceitos costumeiros, que distinguem e definem o comportamento de cada gênero, sendo transferidos de uma geração à outra, mas que podem mudar ao longo da vida e da história. “Normas que são construídas e desconstruídas, num jogo que envolve desigualdades, opressões, contradições e enfrentamentos” (BORTOLINI, 2011, p. 31).

O problema se engendra quando tais normas consuetudinárias estabelecem e perpetuam formas de segregação e de dominação calcadas em discursos discriminatórios, fundamentados em explicações equivocadas, como a biológica. Nesse sentido, esclarece Grossi (p. 4):

De fato, não existe uma determinação natural dos comportamentos de homens e de mulheres, apesar das inúmeras regras sociais calcadas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos usadas nos exemplos mais corriqueiros, como “mulher não pode levantar peso” ou “homem não tem jeito para cuidar de criança.

Portanto, propor discussões pela via literária permite expandir a visão de mundo dos educandos, proporcionando-lhes meios de alavancar, pelo “outro” ficcional, discussões sobre



alteridade, e repensar os processos socioculturais constitutivos dos conceitos “homem” e “mulher”, dado o caráter interdisciplinar da literatura. Nesse sentido:

uma outra maneira de promover articulação e interação entre as diferentes áreas de conhecimento é a organização dos saberes de forma interdisciplinar, o que demanda a ruptura de barreiras e a construção de diálogo entre essas diferentes áreas. (REIS e LOPES, 2016, p. 160)

Porquanto educando e educador se inserem em contextos diversos com outros eus, exteriores ao ambiente acadêmico, há uma troca contínua entre a educação formal e informal. Ensinam Reis e Albino (2018, p. 149): “as questões sociais que envolvem os seres são fundamentais em um processo educativo que vai além dos livros, das salas de aula e professores”. É justamente no ambiente informal de educação que a desconstrução de um gênero humano historicamente anulado, deve se desdobrar para que a atuação do docente em diversidade alcance a inclusão e a mudança de paradigmas quanto à mulher.

MEIAS CONFISSÕES DE ANINHA – A LÍRICA, O EU-LÍRICO E A ALTERIDADE

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, Cora Coralina, nasceu aos 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás. Casou-se com o advogado e Chefe de Polícia Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, com o qual deixou a Cidade em 1911 (TAHAN, 2012). Só retornou à Goiás no ano de 1956, aos 67 anos, viúva, indo morar no velho casarão da família, onde exerceu a profissão de doceira e literata. Faleceu em 10 de abril de 1985, aos 95 anos. (CORALINA, 2013, p. 5)

O livro “Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha” foi o terceiro a ser publicado, e o último em vida. A primeira edição, da Editora da Universidade Federal de Goiás, data de 1983, quando a escritora contava com mais de 90 anos. (BRITTO, 2006, p. 179). Antes de adentrar à poética da escritora quanto às questões do gênero mulher, sob o qual recai o objeto deste estudo, esta seção é oportuna por situar a discussão a respeito de dois aspectos literários importantes: o da lírica social e o do eu-lírico em Cora Coralina.

Quanto ao primeiro deles, a lírica social, recorre-se a Collot (2015, p. 224), para quem “A tonalidade afetiva que o poema lírico oferece à percepção não é somente a expressão do



sentimento interior, mas também o eco das impressões recebidas do mundo exterior.”. Essa doutrina muito bem embasa o desenrolar do trabalho, vez que são analisadas na obra exatamente essas nuances, quase fotográficas, do tempo e espaço ocupados pela escritora.

No que se refere ao segundo aspecto, sobre o eu-lírico, as pontuações são relevantes porque a obra poético-literária da autora se apresenta, ora com tom confessional, ora autobiográfico, podendo levar à crença imediatista numa transcrição eminentemente fiel da vida, uma biografia, sobretudo, quando o eu-lírico se auto-intitula “Aninha”. Porém, aclara Britto (2006, p. 14) “Aninha é sua personagem, uma máscara lírica utilizada pela escritora dentro da multiplicidade de “eus”: um eu de raízes confessionais que transcenderia o mero biografismo”.

Assim, na lírica social de Coralina (2013), o canto do eu-lírico está embevecido não só das questões subjetivas internas distanciadas dos elementos exteriores, mas, sobretudo, da subjetividade buscada numa “polifonia aberta à diversidade do mundo” (COLLOT, 2015, p. 227), uma polifonia objetivada, por exemplo, pelas vozes de todas as mulheres abarcadas no canto coralineano. Corroborando a tônica da alteridade, complementa Collot: “não se sabe mais quem canta ou quem é cantado, o canto se confunde com a paisagem” (2015, p. 233), vez que o eu-lírico se constitui a partir do outro, deixando-se também tocar.

A MULHER NO CANTO LÍRICO DE CORA CORALINA

Cora Coralina, em “Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha”, dentre outros temas, retrata muito bem a situação da mulher no final do século XIX, início do século XX. Assim, esta pesquisa propõe a identificação de três núcleos femininos na obra.

Há um primeiro núcleo de mulheres pertencente à classe dominante, subjugado pelo fato de ser mulher, mantendo uma forma velada de sujeição, sustentando o *status quo* machista, dentro do próprio gênero, para perpetuar a tradição de silenciamento da mulher, sempre à espera de casamento. O que era reforçado pela igreja, pregando obediência e virgindade, impondo preceitos de resignação e reclusão (p. 33). Cite-se, por exemplo: “Senhora Jacinta”; “mestra Silvina”; a bisavó; a “Tia Nhorita”; a “Tia Nhá-Bá”, dentre outras, ainda em análise. Estas



figuras representam um “matriarcado” (BRITTO, 2007, p. 302) doméstico. Muito distante dos negócios externos no reinado patriarcal, esse matriarcado “da casa” se perpetuava, geralmente, pela figura da filha mais velha, “A mana” (p. 104), que era a representação autoritária da mãe.

De outra sorte, no segundo núcleo de mulheres, Cora Coralina traz à baila, pela alteridade lírica, uma gama de personalidades com discriminação de gênero agravada porque, além de mulheres, eram pertencentes às classes sociais economicamente menos favorecidas. Daí a contundente latência de um canto coralino que sente com profundidade a dor do outro, o outro invisível pela sociedade preconceituosa da época, sobretudo, o outro mulher, na labuta diária para manter-se viva à margem da margem social, como nos versos oferecidos “Às Lavadeiras” (p. 154). Mais enaltecidas pelo eu-lírico que as do primeiro núcleo, pois por elas se condói a poetisa, essas figuras femininas frequentemente vêm inominadas de forma individual, para abarcar, por meio de adjetivos, uma vasta contingência social, tais como: “Mulher primária, roceira, operária, afeita à cozinha/ ao curral, ao coalho/ao barreleiro, ao tacho” (p. 112) etc. Embora também apareçam especificadas no contexto nuclear patriarcal, por exemplo, “Mãe Didi”; “Siá Nicota”, “Ricarda” e “Siá Balbina”, dentre outras.

No terceiro núcleo, é possível sentir um grito de resistência, de libertação, contrariando o lugar sujigado à mulher. Enquadram-se aí algumas escritoras citadas pela poetisa, por exemplo, “Helena Chein”; “Anoca Santa Cruz”, “Naquele tempo, dada, desembaraçada, espirituosa./ Liderava a sociedade goiana” (p. 146); e a máscara lírica “Aninha” – libertária por toda a obra. Além delas, cite-se “Maria” (Maria Grampinho) que, apesar de toda a situação de discriminações, contrariava os padrões comportamentais da época, pois era livre (p. 39), e também o poema “Lampião, Maria Bonita... e Aninha” (p. 78-81), quando o eu-lírico toma posse da “metade nordestina, um pouco cangaceira”, e envereda numa linguagem pouco comum às mulheres, portanto, libertária de um padrão machista.

Destarte, este trabalho segue pesquisando na obra esses três núcleos, a fim de identificar, pela alteridade do eu-lírico, o quadro social da mulher, evidenciando o cunho interdisciplinar da literatura, de onde ecoa o “canto do mundo” descrito por Collot (2015), e por onde será possível atuar a educação em diversidade de gênero, propondo discussões pelo veio literário coralino.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No canto poético de Cora Coralina ecoa um grito dorido, mas também de resistência, da mulher do século XIX-XX, massacrada pelos usos e costumes de um patriarcado silenciador das vozes e vontades femininas.

Neste sentido, a fim de mudar essa prática costumeira de infringir a própria humanidade constitutiva do “ser”, o educador, ao entrar em contato com os núcleos representativos das mulheres espalhadas por toda a obra em estudo, tem às mãos um meio interdisciplinar legítimo para instigar a reflexão quanto à diversidade de gênero. Conforme Britto (2008, p. 131): “os mecanismos acionados nos poemas de Cora constituem formas que possibilitam subverter a ordem estabelecida, fornecendo novas leituras do homem e do mundo”.

Por isso mesmo, a legitimidade do canto lírico em “Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha”, como instrumento hábil ao educador em diversidade de gênero para fazer-se tocar o outro, e levá-lo a um deixar-se tocar, pois não há quem não seja tocado pelas “estórias” das mulheres coralineanas, renegadas às sobras do machismo dominador. O que será mais precisamente comprovado, no findar deste trabalho, que ainda se desenvolve.

REFERÊNCIAS

BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual e de gênero na escola. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 123, ago./2011. p. 27-37.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: abr./2108.

BRITTO, Clovis Carvalho. “*Sou paranaíba pra cá*”: literatura e sociedade em Cora Coralina. 2006. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.



_____. *Lembranças de mulher: literatura, história e sociedade em Cora Coralina*. OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez 2007.

_____. “Amo e canto com ternura todo o errado da minha terra”: literatura e sociedade em Cora Coralina. In: BRITTO, Clovis Carvalho; SANTOS, Robson dos. *Escrita e Sociedade. Estudos de Sociologia da Literatura*. Goiânia: UCG, 2008. p. 129-153.

COLLOT, Michel. O canto do mundo. Tradução de Goiandira Ortiz de Camargo. In: *Signótica*, Goiânia, v. 27, nº 1, p. 221-224, jan./jun. 2015. p. 221-244.

CORALINA, Cora. *Vintém de cobre – Meias confissões de Aninha*. São Paulo: Global, 2013.

COSTA, Wanderleia Dalla Costa; DIEZ, Carmem Lucia Fornari. *A relação eu-outro na educação: abertura à alteridade*. In: *IX ANPED SUL*, 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/472/860>>. Acesso em: jun. 2018.

GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de gênero e sexualidade*. Disponível em: <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf>. Acesso em: maio/2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: *Pro-Posições*, v. 19, nº 2 (56) – maio/ago. 2008.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas; SANTOS, Thiffanne Pereira dos; OLIVEIRA, Brenda Fonseca. Educação na e para a diversidade: a busca pelo exercício da alteridade. In: REIS, Marlene Barbosa de Freitas; LUTERMAN, Luana Alves. *Interdisciplinaridade na Educação – Redimensionando práticas pedagógicas*. Anápolis: UEG, 2017.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas; LOPES, Cristiane Rosa. Educação e diversidade: uma relação de alteridade nas práticas escolares. In: SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; FREITAS, Carla Conti. *Razão Sensível e complexidade na formação de professores: desafios transdisciplinares*. Anápolis: UEG, 2016.



REIS, Marlene Barbosa de Freitas; ALBINO, Fabiana Cristina Personi. A pedagogia da alternância em Cora Coralina: das ruralidades e relações com a terra mãe. In: MUSEU Casa de Cora Coralina. *Vintém de Cobre*. Goiânia: Kelps, 2018. p. 147-168.

TAHAN, Vicência Brêtas. *Cora Coragem, Cora Poesia*. São Paulo: Global, 2002.